

PERCURSOS DE DIFERENTES GERAÇÕES DE EDUCADORAS FEMINISTAS

ADRIANA LESSA CARDOSO¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹ Programa de Pós-graduação em Educação - UFPel – adrianalessacardoso@gmail.com

² Programa de Pós-graduação em Educação – UFPel – profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

*é preciso lutar
para não se deixar abater.
para que o horizonte esteja
mais próximo
para os nossos
pelos que ainda vão nascer.*

Meimei Bastos

Este trabalho compõe parte da pesquisa de tese realizada no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas. Neste processo, o estudo procurou expressar por onde percorri no empenho por formação científica e por onde pretendo seguir nos estudos feministas e de gênero, embasada na perspectiva da educação feminista, popular e de(s)colonial. Tem como tema percursos de mulheres feministas do sul do Rio Grande do Sul. E objetivou compreender os processos e práticas educativas, não formais e formais, relacionados à militância feminista, construídos nas trajetórias das participantes da pesquisa, a partir do lugar e do cotidiano em suas potencialidades, visando à construção de uma educação feminista progressista e transgressora.

As narradoras da pesquisa são mulheres que atuam politicamente sendo militantes no movimento feminista do Rio Grande do Sul, especificamente das cidades de Pelotas, Rio Grande, Santana do Livramento e Porto Alegre. Para atender os objetivos deste estudo as colaboradoras precisavam, além de trabalhar com práticas de educação, estar vinculadas a movimentos sociais, coletivos auto-organizados, sindicatos ou ONG's, que atendessem às demandas das mulheres e dialogassem com pautas feministas. Para este, trabalho destaca-se principalmente a temática da geração para apresentar o início do percurso feminista das narradoras.

Assim, as narradoras revisitaram memórias de alguns momentos em que vivenciaram situações de machismo e sexismo em suas vidas pessoais e profissionais. Essas vivências contribuem, como disse Josso (2016), para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmas e o ambiente humano e tentar compreendê-las melhor, dar-lhes novos sentidos a partir da tomada de consciência. São aprendizagens da vida, que se apresentam como fragmentos complexos, mais ou menos elaborados da nossa existência no-para-com-o-mundo. As narradoras se interligaram com o paradigma singular-plural, de saber viver consigo e com os outros.

A respeito da constituição do mapa teórico-epistemológico, buscou-se uma crítica ao sistema mundo colonial de gênero, classe e raça, entre outros marcadores sociais, e suas implicações com as desigualdades e opressões que foram aprofundadas no denominado paradigma da modernidade-colonialidade,

bem como os estudos feministas críticos e de(s)colonial. E teve como base fundamentadora pesquisadoras e pesquisadores, como María Lugones (2014), Marcela Lagarde y de los Ríos, (2015), Ramón Grosfoguel (2016), Ochy Curiel (2007), Paulo Freire (1980), bell hooks (2019), entre outras. Essas autoras/es permitiram uma melhor compreensão junto a mulheres feministas em busca da consciência crítica a respeito das opressões do sexismo.

2. METODOLOGIA

O processo metodológico articulou a pesquisa (auto)biográfica e a educação popular com as perspectivas feministas críticas e de(s)coloniais no seguimento da função social, formação e transformação das relações humanas e de sua presença no mundo. Um dos pontos de convergência entre as perspectivas metodológicas são os meios de produção de dados, em que as mulheres envolvidas na pesquisa narram suas experiências e não são tidas apenas como fontes, mas também como relações humanas produtivas e educativas (JOSSO, 2016). O método para construir a rede de colaboradoras partiu de minha experiência pessoal e profissional, como militante feminista e como pesquisadora participante do Grupo de Pesquisa D'Generus: Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero.

Neste estudo, alguns métodos de produção de dados tiveram que ser revistos, diante da pandemia de Covid-19. Entre eles, a realização e acompanhamento das atividades presencialmente, assim, as entrevistas narrativas aconteceram de forma remota e individualmente. As entrevistas narrativas permitiram o acesso às experiências e perspectivas subjetivas e objetivas do ativismo feminista, que se concretizou numa experiência dinâmica entre a individualidade e a práxis coletiva. Nesse aspecto, as entrevistas longas sem interrupções seguramente contribuíram para responder as questões propostas.

A análise e organização se constituíram em três grandes temáticas: os feminismos, o patriarcado e a colonialidade/globalização. Essas temáticas aparecem ao longo de outros pontos, mais direcionados a atender aos objetivos da pesquisa. São eles: a) trajetórias de atuação; b) percepção de si; c) consciência crítica feminista; d) feminismos e marcadores sociais; e) práticas de ensino e aprendizagem; f) experiência com às redes sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as participantes desta pesquisa escolheram trilhar o caminho de uma educação feminista conforme foram se organizando em suas profissões. Como disse Tatiana, “afinal tem como não escolher o caminho do feminismo?”. O espaço laboral, a interação com homens e mulheres, possibilitou a elas uma percepção de mundo. O trabalho para as mulheres é um lugar paradoxal, no sentido que possibilita uma rede de interação social mais ampla; contudo, a rede de interação também carrega a cultura patriarcal.

Neste trabalho, o recorte foi feito em relação a geração, pois a cultura feminista se altera e coexiste nas diferenças geracionais. Para Gonçalves (2006, p. 213), “as gerações é algo necessário e ‘natural’”. Quem chega, os novos portadores de cultura, vai ter acesso aos bens culturais acumulados e provoca uma revisão ou

uma alteração”. Dito isso, entre os anos 1960, 1970 e 1980, Biloca, Neusa e Maria de Lourdes iniciaram sua militância política e, aos poucos, na formação política partidária e sindical, em conjunto com outras mulheres, foram compreendendo melhor sobre as opressões das mulheres. Elas iniciam-se no movimento social tendo a luta por democracia como principal pauta, em um país em que a economia passava por uma crise, com altas taxas de inflação e estagnação do Produto Interno Bruto (PIB), o que resultou no empobrecimento da população. É importante destacar que, atualmente, as participantes da pesquisa incorporam outras pautas identitárias, e não apenas a legalidade e classe social. Contudo, ainda reafirmam a necessidade de ampliar e aprofundar a discussão. Diná se insere nos movimentos sociais um pouco mais tarde, em 1993, participando da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, movimento fundado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Na luta feminista, foi participando do Conselho Municipal Direitos das Mulheres- CMDM-Pelotas, a princípio por ser mulher e representando sua entidade, a EMBRAPA, mas logo após sua inserção percebeu a importância do CMDM, tornando-se uma ativa militante dos direitos das mulheres, principalmente em relação à violência doméstica e à economia solidária. As pautas feministas trazidas pela segunda geração tiveram uma clareira aberta pela geração das outras narradoras que antecederam a militância e também as próprias possibilidades de decidir sobre suas vidas. Assim, Tatiana, Raquel e Jamile vêm no bojo de ampliar e manter os direitos conquistados nos anos anteriores, redefinir esses direitos e lutar por aqueles que ainda não foram conquistados, apresentando uma grande ênfase na perspectiva interseccional.

O tempo possibilitou aprofundamento das discussões, pois teve-se um lugar de partida mais definido como crítica epistemológica, militante e de perspectiva de mundo que se transforma a cada dia. Muita coisa mudou, principalmente os meios de comunicação, permitindo tanto a manutenção patriarcal como também outras formas de organização e luta contra o sistema, atualmente, as gerações de feministas se encontram, se retroalimentam e buscam meios de questionar politicamente e teoricamente o patriarcado, capitalismo e a colonialidade.

Todas consideram as instituições uma porta de acesso às políticas públicas e à possibilidade de transformações sociais, mas, apesar dessa consideração, buscaram fazer críticas às instituições, isso não remete ao nihilismo, mas ajuda a perceber e questionar como as instituições oprimem as mulheres. Aqui é importante destacar a narrativa de Jamile, “[...] O Estado é moderno e colonial, as nossas instituições precisam passar por transformações, afinal reproduzem uma estrutura moderna, colonialista, racista e patriarcal”, que vem ao encontro do pensamento de Rita Segato (2018), autora que influenciou a performance das feministas chilenas Las Tesis “*El violador eres tu*”.

4. CONCLUSÕES

Os percursos permitem ver que a universidade vem ao longo dos tempos, ainda que vagarosamente, se constituindo como um espaço importante de formação do pensamento feminista crítico, devido a participação ativa das narradoras em formação e atuação docente, antes encontrava-se poucas propostas, principalmente no currículo oficial. Um outro espaço que se destacou para despertar uma consciência feminista, foi o Conselho da Mulher. Neste espaço incluem-se Diná, Maria, Biloca e Neuza. O Conselho da Mulher não é propriamente

um espaço de atuação feminista, mas o encontro entre mulheres, e mulheres já com uma atuação política feminista propiciam a outras mulheres a tomada de consciência feminista. Em síntese, pode-se dizer que as participantes acreditam que não existe um espaço determinado para a tomada de consciência crítica feminista, eles precisam ser criados e ampliados.

As gerações se entrecruzam e vivenciam esses espaços de tempos em tempos, às vezes em momentos cruciais, com suas pautas que em certos pontos convergem e outros divergem. Dessa forma, vão-se criando espaços que se complementam e fortalecem outras leituras de mundo, leituras feministas, problematizadas a partir das demandas das mulheres. Na atualidade, encontram-se diversas gerações de feministas buscando uma agenda contra a dispersão e no fortalecimento político e científico do feminismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURIEL, Ochy. Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. **Nómadas**, n. 26, p. 92-101, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=14517>. Acesso em: 21 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GONÇALVES, Eliane. Renovar, inovar, rejuvenescer: processos de transmissão, formação e permanência no feminismo brasileiro entre 1980-2010*. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 4, n. 7, p. 342-370, 2016.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, 2016.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (Orgs.). **A aventura (auto)biográfica**: Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los Cautiveiros de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 2ª ed. México: Siglo XXI Editores, 2015.

LUGONES, María. Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter et al. **Género e colonialidad**. 2ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 13- 42.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Buenos Aires: Prometeo, 2018.